

Lei Laboral em Portugal: Democracia à Venda No Mercado Negro do Poder

written by Amadeu Ricardo | 20 de Março, 2026

OCIDADÃO
Journalism Livre

OPINIÃO
Amadeu Ricardo



Reunião secreta entre Governo e UGT tenta 'apressar' acordo na lei laboral



Direitos Reservados

Portugal gosta de se enganar. Diz que tem democracia, mas o que assistimos com a nova lei laboral é um teatro de marionetas mal amarradas. O Governo e a UGT dançam nos bastidores, fechando as portas e trancando as janelas, enquanto o povo, o figurante de luxo, observa impotente.

A CGTP? À porta, batendo palmas, como quem espera um convite que nunca chega. Isto não é diálogo. Isto é traição à luz do dia.

Hannah Arendt já tinha avisado: *"quando o poder reduz o cidadão a sombra, a democracia apodrece"*. E é exatamente isso que vemos. O Governo não conversa – conspira. Reúne-se às escondidas, pressiona, assina acordos sorrateiros, e a UGT sorri, cúmplice, como papel recortado num quadro de conveniência. O povo? Ignorado. O utilitarismo invertido

celebra: *“o fim justifica os meios”*. Mentira. Nunca numa democracia. Nunca.

Rousseau lembrava que a soberania reside no povo. Quando os sindicatos se transformam em ecos do governo, a democracia não é apenas humilhada – é assassinada à vista de todos, com requintes de crueldade e desprezo. Reuniões secretas, negociações opacas, jogadas políticas com a vida laboral. Isto não é concertação social. Isto é teatro de esgotos, conspiração de quinta categoria, e ainda nos tentam convencer que é virtuosismo.

Democracia não é votar de quatro em quatro anos e virar a cara. É participação, transparência, e respeito. O Governo fecha as portas, tranca as janelas, e esconde-se atrás do castelo de papelão da sua arrogância. Kant perguntaria: *“Isto poderia ser universalizado?”* A resposta é óbvia: não. Isto é moralmente podre, e eticamente repugnante.

Portugal merece mais do que sombras e sorrisos de conveniência. Merece ter sindicatos que defendam verdadeiramente os trabalhadores, e governos que negociem à vista de todos, com tempo, com transparência, e com respeito pelo país que deviam servir. Leis discutidas com o povo, e não impostas. Democracia traída é democracia morta. Portugal merece resistência.

Porque, no fundo, sou social-democrata – mas não de conveniência.